

■ NACIONAL

Econ - Brasil

“Crescimento para valer somente a partir de 1999”

Para Mendonça de Barros, última batalha é a balança comercial

Liliana Enriqueta Lavoratti
de Brasília

O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, disse ontem que no próximo ano ficará mais “evidente” a capacidade do Brasil de crescer a taxas maiores a partir de 1999. Na opinião dele, isso será fruto da consolidação da estabilização, o que ele denominou de “última batalha do Plano Real”.

“A percepção, hoje, é que estamos atados à armadilha de um crescimento baixo por causa do déficit da balança comercial. Em 1998, essa percepção vai se dissolver porque será firmado o processo de aumento de investimentos”, explicou Mendonça de Barros durante palestra na Comissão de Economia da Câmara dos Deputados.

Esse passo, no entanto, ainda não se refletirá no comportamento do Produto Interno Bruto (PIB) do próximo ano. Ele informou que o governo espera para este ano uma taxa de crescimento do



José Roberto Mendonça de Barros

PIB entre 3,5% e 4%, em relação a 1996, e de 4% e 4,5% em 1998.

A última batalha do plano de estabilização consiste em remover a restrição externa — o condicionamento à performance da balança comercial — que impede o crescimento da economia a taxas mais elevadas. Entre os fatores que ajudarão a romper com esse limite estão o realinhamento dos preços dos serviços, a fle-

xibilização do mercado de trabalho e a reestruturação da indústria.

Segundo Mendonça de Barros, os investimentos aguardados nos principais setores — como eletroeletrônicos, automóveis, telecomunicações — vão tornar mais evidente o aumento da competitividade e também da capacidade da economia brasileira em atender não somente ao mercado interno, mas principalmente em ampliar sua participação no mercado internacional.

“Claro que em tudo isso existe um forte conteúdo de aposta”, admitiu o secretário. Ele negou, no entanto, que o País esteja vivendo uma recessão pelo fato de os índices de inflação indicarem uma deflação. “Mesmo que cheguemos a 1% negativo em agosto, como esperam alguns analistas, será a primeira vez que isso ocorre no Brasil desde 1957. Mas isso não significa recessão”, pregou.

Segundo ele, a deflação é sinônimo “do desinchar” dos preços, especialmente dos bens não comercializáveis (serviços), que subiram expressivamente no início do Plano Real.